



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 7

72 horas

Branca Vianna: Seja bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Virada de ano é um momento de reflexão, né, aquela chuvarada de clichês, um novo começo, uma página em branco.

Que página em branco que nada. A gente chega no ano novo cheia das cicatrizes do ano passado. A virada é tipo uma linha imaginária que a gente desenha: agora acabou. Aqui começou. Só que a gente não deixa de ser a mesma pessoa que atravessou aquela linha. O tempo é mais complexo e mais traiçoeiro do que isso.

Agora, tem linhas e linhas. Nossa primeira história de hoje tem a ver com o esporte perigoso que é prever o fim do mundo. Perigoso não só porque alguém pode perder a cabeça se achar que não vai ter amanhã – mas também porque, quando o amanhã vem, a pessoa que apostou contra tem que pagar o

pato. E essa história começa com outra linha imaginária, desta vez no meio da floresta. Aqui, a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO1

Flora Thomson-DeVeaux: Em 2001, o Eduardo quis vir pro Brasil.

Eduardo: 2001, 2001, eu quis vir pro Brasil numa loucura...

Flora Thomson-DeVeaux: O Eduardo é jornalista, e ele tava morando no exterior – ele mora fora até hoje – mas ele é brasileiro. Então a loucura em si não era vir pro Brasil. Era o que ele vinha fazer aqui.

Eduardo: E eu quis vir para o Brasil para fazer uma história sobre a fronteira. Era época do Pastrana.

Flora Thomson-DeVeaux: O Andrés Pastrana era o presidente da Colômbia na época. Em 2001, o Pastrana tava tentando fazer um acordo de paz com as FARC, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, que vinham travando uma luta armada contra o governo desde os anos 60.

Esse processo acabou fracassando, e as FARC só se desarmaram em 2017. Mas ali em 2001, o foco do Eduardo não eram as negociações de paz. Era uma linha invisível e conturbada no meio da floresta amazônica.

Eduardo: E eu soube que os militares faziam patrulhas na fronteira com a Colômbia e eu falei: "Ah, quero ver isso", porque eu acho que uma das coisas mais engraçadas do mundo – e trágicas, inclusive – como que o governo dividiu, né, a Amazônia, assim: traçou ali as divisões e sem

perguntar os povos originais que estavam ali. Então você tem vários povos, e eles simplesmente atravessam naquela região e o Exército está ali tentando controlar uma região de fronteira que não tem controle. Então, é uma coisa um pouco tragicômica.

Flora Thomson-DeVeaux: Aí o Eduardo pegou um avião da Alemanha, onde ele tava morando, e partiu em direção a essa fronteira tragicômica.

Eduardo: E eu vim para o Brasil com mais três amigos, fomos para lá, comecei a fazer a história dessa tríplice fronteira e era uma região muito tensa, de narcotráfico de tudo, e já terminado esse trabalho, me deparei com uma história na praia...

Flora Thomson-DeVeaux: Foi numa praia de rio. O Eduardo e os amigos dele acabaram conhecendo um missionário.

Eduardo: ... era um jovem missionário dessa seita que se chama AEMINPU, Associação Evangélica Missionária do Novo Pacto Universal. E ele se chamava Carlos. E ele me falou, a gente conversando, que o fim do mundo estava próximo. Bom, como é isso?

Flora Thomson-DeVeaux: Até aí, mais ou menos normal, né? Gente anunciando o fim do mundo é o que não falta. Mas o Eduardo ficou intrigado. Em parte por causa da história da própria seita desse missionário Carlos, a AEMINPU – que o nome completo, na verdade, é a Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal.

A gente começou falando da Colômbia, mas a AEMINPU tem origem em outro país dessa tríplice fronteira: o Peru.

Eduardo: muitos deles são pessoas que moravam na região de Ayacucho, nos Andes, né, e com a guerra do Sendero Luminoso, eles acabaram se deslocando para a selva.

Flora Thomson-DeVeaux: "Sendero Luminoso" é um grupo revolucionário peruano que teve início nos anos 80. Hoje ele é oficialmente o Partido Comunista do Peru, mas as práticas de guerrilha eram tão sanguinárias que, por muito tempo, o Sendero foi considerado uma organização terrorista. Muita gente foi perseguida e fugiu do Peru – inclusive os membros dessa seita, a AEMINPU.

E uma coisa curiosa é que, mesmo morando na selva amazônica, os membros da AEMINPU adotaram um visual meio bíblico, tipo Oriente Médio antigo.

Eduardo: Eles se vestem como se fossem.. há 2000 anos atrás, têm, mantêm as barbas.

Flora Thomson-DeVeaux: Como é que? Como é que é isso?

Eduardo: Como assim? Como eles imaginam que seria. Batas longas, e as mulheres não cortam os cabelos [...] os homens não cortam as barbas. Homens e mulheres são separados.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, acontece que em 2001, quando o Eduardo foi pra lá, a AEMINPU tava passando por um momento complicado.

Eduardo: E essa AEMINPU, ela... um ano antes tinha morrido o Gamonal, Ataucusi Gamonal, que era o líder da seita, que era uma, um

personagem muito controverso, que chegou até a ser candidato no Peru, duas vezes candidato à presidência. E que havia falecido, né, um ano antes. E só que antes de falecer, ele era tido como um messias. Então as pessoas falavam que ele ia ressuscitar.

Flora Thomson-DeVeaux: O Ataucusi Gamonal morreu em junho de 2000. E ele tinha profetizado que, três dias depois de morrer, ele ia voltar à vida, que nem Jesus depois de crucificado.

Os seguidores dele acreditaram, claro, e guardaram o corpo dele num caixão de vidro. Eles ungiram o corpo, rezaram, e esperaram. Um dia. Dois dias. Três dias.

Eduardo: E ele não ressuscitou.

Flora Thomson-DeVeaux: Eles ainda deram mais um tempo. Quatro dias. Cinco. Seis. Finalmente, depois de uma semana, enterraram o Gamonal.

Locutor: *Esperaron siete días y seis noches. Nunca dejaron de orar de rodillas a sus pies. Pero su rey y maestro no resucitó.*

Eduardo: E nesse momento, né, você tinha, é... No ano de 2000 você tinha muita coisa acontecendo com a ideia do fim do mundo. Você tinha o bug do milênio, você tinha várias teorias conspiratórias, várias teorias que o mundo ia acabar e eles estavam imersos nesse caldo todo.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra você que é jovem e não viveu isso: o fim do mundo tava muito na moda na virada do milênio. Muita gente achava que o mundo ia acabar na virada de 1999 pro 2000. Eu era criança e lembro de uma

tensão que era meio irônica, meio sincera. Podia vir um meteoro. Os computadores todos podiam ficar doidos e tentar matar a gente. A gente podia ficar sem eletricidade e entrar numa nova Idade das Trevas. Tudo parecia vagamente possível.

Acho que eu até tentei ficar acordada até a meia-noite naquele Réveillon, mas não consegui. E no dia seguinte, o dia depois do fim do mundo... eu acordei e tava tudo igual. Eu lembro de sentir um pouco de alívio... e um pouco de decepção que eu não ia viver uma grande aventura lutando contra computadores assassinos... mas segue o baile.

Isso tinha sido no apagar das luzes de 1999. Primeira chance de fim do mundo. O Gamonal morreu em junho de 2000. Segunda chance de fim do mundo. E nada. Daí mais um ano se passou, já era agosto de 2001. Fim do mundo cronicamente atrasado. E mesmo assim, esse jovem missionário, o Carlos, tava indo lá pra sede da AEMINPU.

Eduardo:... E ele falou que estava indo para Alto Monte de Israel, que é um pequeno vilarejo no entre Tabatinga e San Pablo de Loreto e que lá estava, né, o centro da AEMINPU e ali era o novo Israel. E aquilo me soou muito interessante. E falei: "Bom, é possível acompanhar você nessa peregrinação?" Ele falou: "Beleza, vamos lá", e, e a gente foi. A gente foi num barco deles. Uma coisa bem, muito, muito, muito, muito precário. E a gente foi pra lá.

Flora Thomson-DeVeaux: Eles saíram de Tabatinga, que é a última comunidade brasileira no alto do Rio Amazonas, e seguiram rio acima. Pra esse vilarejo, Alto Monte de Israel, que fica no Peru.

Eduardo: E aí por que Israel? Existe no livro do Apocalipse... um dos sinais de que o mundo vai acabar é quando os judeus voltassem a Israel. Então eles não podendo ir para Israel, eles falaram que ali era Israel. Ali, no meio da floresta, era Israel, porque Israel não necessariamente era a Israel histórica. Então era ali que os cristãos deveriam ir para, para sobreviver ao fim do mundo.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que se você tem um bunker pra sobreviver ao fim do mundo, mesmo que seja um bunker espiritual, você não vai deixar qualquer um entrar, né?

Eduardo: Então entrar ali não foi fácil. Pedi muita permissão. Nós tivemos que entregar passaportes. Havia denúncia de violência entre eles e, posteriormente, anos depois, foram encontrados inclusive corpos. E que houve um conflito interno. Então, havia toda uma tensão nisso.

Flora Thomson-DeVeaux: Teve uma coisa que dificultou ainda mais, que é: o Eduardo tava ali com uma câmera. Esses sons que você tá ouvindo são das filmagens que ele fez na época. De um documentário narrado em espanhol.

Victor: *El Maratón de la Fe recorre en vigilia la noche del viernes y sólo termina con la puesta de sol del sábado. Cuando por fin Dios se manifiesta.*

Flora Thomson-DeVeaux: O clímax do documentário é o que os membros da seita chamam de holocausto. Holocausto no sentido bíblico, mesmo – de uma oferenda sagrada que é queimada. Aliás, é por isso que muita gente prefere o termo hebraico "Shoah" para se referir ao genocídio do povo judaico – porque aquilo não foi nenhuma oferenda sagrada.

A oferenda que os seguidores da AEMINPU tavam queimando era uma cabra, que foi morta e colocada numa espécie de pira funerária.

Tava todo mundo ali rezando e chorando, fazendo esse sacrifício sagrado... e de repente uma mulher começou a falar em línguas – glossolalia, língua dos anjos: um fenômeno bem comum em cultos neopentecostais, entre outros.

Eduardo: Teve uma visão, então teve uma revelação, e a revelação se deu em língua dos anjos.

Flora Thomson-DeVeaux: O Eduardo tava ali, filmando, e de repente aconteceu uma coisa muito estranha. Ele começou a entender o que ela tava dizendo. E uma característica peculiar da língua dos anjos é que ela não pode ser compreendida.

Mas lembra que eu falei que o Eduardo tava morando na Alemanha? Ele fala alemão, né. E, de repente, parecia que essa mulher tava falando numa língua que lembrava muito o alemão.

Eduardo: E parece realmente uma frase em alemão que é o que ele fala, "das Ende ist nah, endlich ist nah".

Flora Thomson-DeVeaux: O que ela tava dizendo era: "O fim está próximo. Finalmente está próximo."

Eduardo: Eu escuto várias vezes. Falei, "gente, ela fala isso".

Flora Thomson-DeVeaux: Imagina o tamanho do susto que o Eduardo levou. Eles tavam lá no meio da floresta amazônica, completamente isolados do

mundo, o Carlos já tinha avisado pra ele que o mundo tava prestes a acabar, e agora tinha essa mulher avisando de novo em alemão.

Mas... o que é que você faz com uma informação dessas, né?

O fim do mundo é uma ideia tão grande que, ou você muda toda a sua vida em função dela, ou você tenta seguir como se nada tivesse acontecido.

O Eduardo, que já tinha passagem dele de volta pra Alemanha, escolheu a segunda opção. Ele e os amigos voltaram pro barco e tornaram a descer o Amazonas. E o Carlos, o missionário, voltou com eles. A primeira cidade maiorzinha onde eles pararam foi Letícia, que é pertinho da fronteira brasileira.

Nessa confusão da tríplice fronteira, uma hora a gente tá num país, outra hora tá no outro. Alto Monte de Israel fica no Peru. Mas Letícia, descendo o rio, e na outra margem, já é Colômbia.

Eduardo: Chegamos, a gente desceu do barco, fomos para um bar. E as pessoas estavam em volta da televisão no bar, olhando.

Flora Thomson-DeVeaux: As pessoas tavam em volta da TV, meio hipnotizadas. Era o 11 de setembro de 2001. E só o que passava na televisão era o ataque às Torres Gêmeas, em Nova York.

Eduardo: É, é aquele momento que até você duvida da realidade.

Flora Thomson-DeVeaux: Tinha gente no barzinho comemorando. Porque era um ataque aos Estados Unidos, afinal, e ali tinha muita gente simpática à luta marxista das FARC.

Mas, o Carlos, o missionário, não entendeu aquilo como um golpe no imperialismo norte-americano. Pra ele, era só mais uma confirmação de que o mundo tava acabando mesmo.

Eduardo: O Carlos se ajoelhou, ele estava e ele estava com muito medo. E ele estava com muito medo e ele tava pedindo que fosse levado. E ele depois se transformou de um jeito, porque aí nesse momento ele achou que eu e meus três amigos a gente era o... a gente era os quatro cavaleiros do Apocalipse, que tinha recebido a revelação e ia levar para o mundo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Eduardo ficou tão assustado, e foi pego tão desprevenido, que nem passou pela cabeça dele pegar a câmera e gravar esse momento. Mas dá pra imaginar, né?

O lance do fim do mundo, quando for pensar, não é o fim do mundo em si. É como interpretar os sinais dele. Como saber quando ele tá chegando e, se possível, dar um jeito de se safar.

O Eduardo já tinha sido avisado pelo Carlos. Tinha sido avisado de novo pela mulher falando em alemão. Agora, ele tava vendo o que poderia ser o fim do mundo ao vivo e em cores. O fim do mundo tava sendo televisionado?

Eduardo: Você fala assim: "Gente, então, alguma coisa... Será que, será que ele está certo mesmo? Porque isso aqui é muita coincidência".

Flora Thomson-DeVeaux: Mas é aquela coisa... que que cê faz? Por um lado, tinha as "evidências" de que o mundo tava acabando. Por outro... ele não tinha acabado. Ainda.

Então o Carlos seguiu de volta pra Tabatinga. E o Eduardo e os outros documentaristas filmaram o Carlos rezando, fazendo sermão sobre o fim do mundo... e os dias foram se passando.

O Carlos tava tranquilo, porque, pra ele, o fim do mundo já tava em curso. Mas não chegou em tempo, antes de o Eduardo voltar pra Alemanha.

Eduardo: o fim do mundo obviamente não aconteceu...

Flora Thomson-DeVeaux: Depois de alguns anos, o Eduardo tentou achar o Carlos de novo.

Eduardo: Mas o Carlos foi assassinado depois numa situação, não sei dizer o que realmente aconteceu, mas é uma região que tem muito tráfico de drogas. Havia muitas suspeitas de que dentro, como essa seita está justamente na fronteira, que traficantes se aproveitavam disso para conseguir levar droga de um lado para o outro. Então foi falado que o Carlos teria se indisposto com algum traficante que tinha e aí foi assassinado.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse episódio todo ficou guardado ali num canto da cabeça do Eduardo. Eram as memórias dele de um fim de mundo que não foi. Há mais de 20 anos.

Bom, mas aí em 2022, ele voltou pro Brasil com outra missão.

O Eduardo é jornalista, né, e dessa vez ele tava cobrindo os núcleos mais radicais da mobilização bolsonarista em vários lugares do país.

Eduardo: Então estive na Amazônia, Rondônia.. Quando estive em clubes de tiro, estive em um... com milícias bolsonaristas e estive, é, muita igreja evangélica.

Flora Thomson-DeVeaux: Aliás: essas investigações mais recentes do Eduardo são meio delicadas, e ainda estão em andamento... e é por isso que ele pediu pra gente não mencionar o sobrenome dele aqui. Mas o negócio é: o que aconteceu no Brasil depois das eleições... despertou nele aquela lembrança de 2001.

Eduardo: As pessoas estavam num transe, em suspensão. E eu acompanhando de perto essas figuras que durante meses eu tive junto. Eles estavam num transe muito parecido, né, com esse que eu vi lá em 2001.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois da confirmação da derrota do Bolsonaro, vendo os manifestantes andando pela Avenida Paulista, enrolados na bandeira do Brasil, com o olhar meio perdido... o Eduardo não conseguia não pensar em Alto Monte de Israel. Inclusive porque tinha várias bandeiras israelenses ali no meio dessas manifestações...

Eduardo: Eles saindo em pequenos grupos e andando, e andando com suas capas, e perdidos... Falei, "gente, olha só, que bizarro isso, eles estão, eles estão desorientados". E o anúncio do Bolsonaro que nunca chegava?

Flora Thomson-DeVeaux: O Bolsonaro, não sei se você lembra, só se pronunciou pela primeira vez mais de 40 horas depois da derrota.

E essa cena que o Eduardo tá relatando é daquele momento logo depois, quando ninguém sabia quando ou se ele ia falar alguma coisa. E os bolsonaristas ali, perdidos.

Eduardo: Nunca chegava... O que fazer? O que fazer? Eu recebi recebendo áudios – "Não, porque temos que fazer X, Y...". "Precisamos invadir o STF". "Precisamos..." – e eles não conseguiram tomar uma atitude, porque não tinham um comando.

Flora Thomson-DeVeaux: Pouco tempo depois disso, começaram os bloqueios das estradas.

Eduardo: Eu acompanhei de perto os bloqueios. Uma das cenas mais impressionante é, de repente, todo mundo para e faz uma roda e começa a rezar pra Polícia Federal, pra Polícia Rodoviária Federal que estava pedindo pra eles desocuparem, mas pedindo, mas não muito, né... E eles se reúnem numa roda e rezam em êxtase. Eu falava "gente, isso aqui é muito parecido com a mesma coisa que eu vi da revelação em 2001, quando as pessoas em volta de uma fogueira".

Flora Thomson-DeVeaux: Em vez de uma cabra, o que tava no centro da roda era um pneu. Em vez do Gamonal, a Polícia Rodoviária. Mas a emoção parecia igual. Agora... o que é que um fim de mundo tem a ver com o outro?

Pra começar a entender, a gente tem que deixar a Avenida Paulista, a PRF, a Amazônia, e o ano de 2022 pra trás... e ir pros Estados Unidos em 1954. Prum outro episódio de fim de mundo. Pois é, são muitos.

Em setembro de 1954, saiu uma matéria num jornal de uma cidadezinha perto de Chicago. A reportagem era até pequena, pro tamanho da notícia. O que ela

dizia era que uma mulher tinha recebido um recado de um planeta distante chamado Clarion. O recado era que o mundo ia acabar. E o fim tinha data: 21 de dezembro daquele ano.

João Cezar: Bom, esse é um estudo de caso fascinante...

Flora Thomson-DeVeaux: Quem me contou essa história foi o João Cezar de Castro Rocha, que é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ.

João Cezar: Havia um grupo que anunciara o fim do mundo para o dia 21 de dezembro de 1954. Mas era um fim de mundo peculiar, porque, na verdade, seria um grande dilúvio que destruiria parte da Terra, não a Terra toda, mas que salvaria as pessoas que estavam no círculo, no grupo de uma residente de Chicago, da área de Chicago, chamada Dorothy Martin.

Flora Thomson-DeVeaux: Dorothy Martin era a pessoa que tinha recebido o anúncio do apocalipse. Esse grupo que tinha se formado em torno dela, umas quinze pessoas, se auto-intitulava “Brotherhood of the Seven Rays” – a Irmandade dos Sete Raios. E eles acreditavam que na noite do dia 21 de dezembro, logo antes do dilúvio, eles iam ser salvos por um disco voador.

Bom, a gente ainda tá falando disso todos esses anos depois... não porque o disco voador veio ou porque ele deixou de vir. Mas porque um grupo de pesquisadores leu aquela matéria no jornal e resolveu entrar em contato.

João Cezar: Leon Festinger, o Henry Riecken e o Stanley Schachter, eles conseguiram e – acredite, Flora, eles conseguiram, sim – fazer parte da seita que era a Brotherhood of the Seven Rays.

Flora Thomson-DeVeaux: Esses três caras – o Festinger, o Riecken e o Schachter – eles queriam fazer parte da seita porque eles andavam estudando profecias milenaristas. "Milenarista" – não confundir com millennial – é o termo que se usa para falar de coisas associadas com o fim do mundo.

No livro que eles escreveram depois, os pesquisadores se debruçam sobre várias profecias milenaristas ao longo do tempo. Vários prazos que tinham sido dados pro mundo acabar.

1533. 1648. 1843. E agora, 21 de dezembro de 1954.

O título do livro que eles escreveram depois é meio autoexplicativo: When Prophecy Fails. Quando a profecia falha. E, pro João Cezar, o que rolou no dia 21 de dezembro de 1954 tem muito a ver com o Brasil de hoje.

João Cezar: isso abre um caminho realmente novo para entender o que está acontecendo agora no Brasil. Veja: quando a profecia falha, o primeiro ato é historicamente, o ato um nunca é uma autocrítica radical e um reconhecimento de que aquela profecia poderia ser apenas uma fraude. O primeiro ato quando a profecia falha é a racionalização do fracasso.

Flora Thomson-DeVeaux: A racionalização do fracasso. Dezembro é um mês muito frio em Chicago.

A Dorothy Martin e os membros da irmandade – entre eles os pesquisadores, que tavam observando tudo – passaram a noite de 21 de dezembro batendo queixo no quintal, esperando o disco voador. Ele não veio. Mas pelo menos o dilúvio também não.

João Cezar: Ela voltou, desorientados todos, sem saber como reagir. Ela recebeu uma nova mensagem do planeta Clarion, e a mensagem tudo esclareceu.

Flora Thomson-DeVeaux: Segundo essa nova mensagem, foi o fato de que eles anunciaram o dilúvio no jornal que fez ele não acontecer.

João Cezar: a concentração mental deles e de todos, em relação ao dilúvio, fez com que o acontecimento não ocorresse naquele instante.

Flora Thomson-DeVeaux: Não naquele instante. Ok, primeiro passo: racionalização do fracasso. Check. Segundo passo: você pode adiar a profecia.

João Cezar: Eles começaram, então, a pensar que o dilúvio poderia acontecer, não no dia 21 de dezembro de 1954... um mês depois, dois meses depois, três meses depois. Há um instante, no entanto, em que não é mais possível adiar a profecia e não é possível racionalizar fracasso em cima de fracasso.

Flora Thomson-DeVeaux: O que os pesquisadores queriam entender era como uma seita continuava em pé depois do fracasso.

João Cezar: Eles estavam dentro da seita. Eles puderam, portanto, acompanhar a reação ao fracasso da profecia. A mídia local, o número de cartas que a Dorothy Martin recebeu de pessoas de todos os

Estados Unidos foi absolutamente surpreendente. Todos queriam conversar com a Dorothy Martin. Todos queriam filmar a casa. Ela recebeu inúmeras cartas de todos os Estados Unidos com pessoas interessadas nas suas ideias, muito embora a profecia tenha falhado, tenham fracassado. Para mim, o que realmente interessa é o último parágrafo do livro.

Flora Thomson-DeVeaux: O livro dos pesquisadores, o *When Prophecy Fails*.

João Cezar: É espantoso, e é puro Brasil 2022. No último parágrafo do livro diz assim. “Se eles tivessem sabido aproveitar o interesse criado por essa mídia espontânea, o fracasso da profecia poderia ter sido não o final. Mas um novo começo”. Uau! Isto é: a Brotherhood of the Seven Rays poderia ter se tornado, em tese, não um movimento local de uma senhora de Chicago. Poderia ter se tornado uma Cientologia. Poderia ter se tornado um QAnon. Poderia ter se tornado uns israelitas do Peru, poderiam ter se tornado um bolsonarismo no Brasil. Porque a atenção, a pura atenção dada pela imprensa ao fracasso da profecia, teria tornado o fracasso o maior êxito do, da seita.

Flora Thomson-DeVeaux: Em 1957, um dos três pesquisadores que se infiltrou na Irmandade dos Sete Raios, o Leon Festinger, publicou outro livro.

João Cezar: que é Uma teoria da dissonância cognitiva, *A Theory of Cognitive Dissonance*.

Flora Thomson-DeVeaux: Pro João Cezar, esse segundo livro, *Uma Teoria da Dissonância Cognitiva*, nasceu ali – naquele último parágrafo do livro sobre as profecias fracassadas.

João Cezar: O que quer dizer que a teoria do Festinger é basicamente o seguinte: dissonância cognitiva é um dado inescapável da condição humana. Nós, muitas vezes, nós sabemos que certos comportamentos não são o melhor para a nossa saúde, para os nossos relacionamentos, para nosso lugar no mundo e ainda assim nós realizamos os comportamentos que nós sabemos que não são os ideais, de acordo? É isso que caracteriza o humano, é essa falha permanente. Para cada um de nós, de forma individual, as nossas profecias sempre falham. As nossas resoluções de final de ano já não valem em fevereiro.

Flora Thomson-DeVeaux: Ok, isso é meio lugar-comum, né? Só que vai ficando mais complexo...

João Cezar: toda vez que a dissonância torna-se muito acentuada, produz o desconforto psicológico. E nós então procuramos diminuir a dissonância cognitiva.

Flora Thomson-DeVeaux: Ou seja, quando a distância entre aquilo que a gente prega e aquilo que a gente pratica cresce muito, rola um desconforto psicológico. Isso é a tal dissonância cognitiva. E, nessa situação, tem duas coisas que dá pra fazer.

João Cezar: Você evita a exposição a fontes de informação que explicitem a dissonância cognitiva ou, pelo contrário, você procura cercar-se de fontes de informação que, de uma certa forma, confirmem o seu comportamento.

Flora Thomson-DeVeaux: Se você é fumante, você pula a matéria no jornal sobre câncer de pulmão. Ou você procura fontes que te digam que fumar nem faz tão mal assim...

João Cezar: Hoje no mundo, nós podemos considerar que há centenas de milhões de pessoas que habitam um ecossistema de desinformação para o qual as duas regras do Festinger se tornaram respiração artificial. Isto é, elas só se informam no interior da midiosfera extremista. Elas recusam qualquer informação que seja contraditória com um sistema de crença em que eles estão.

Flora Thomson-DeVeaux: "Midiosfera extremista" é o nome que o João dá prum sistema que você provavelmente já conhece: a usina de fake news que fez com que seu tio acreditasse na mamadeira de piroca – ou, sei lá, que o Lula já morreu e tão usando um dublê dele.

João Cezar: Hoje no mundo – não é um fenômeno brasileiro – no mundo circulam todo o tempo informações, narrativas, produções audiovisuais, podcasts... 24 horas por dia, sete dias por semana, gerando sempre narrativas polarizadoras que produzem inimigos imaginários que aumentam o tempo todo a tensão ambiente e o engajamento radical dessas pessoas.

Flora Thomson-DeVeaux: E não é só medo e raiva que esses conteúdos provocam nas pessoas. No livro dele, o Festinger chega a falar que, às vezes, a dissonância cognitiva pode produzir prazer.

João Cezar: Por exemplo, então, vamos lá. Começou a circular nas redes sociais brasileiras uma imagem de uma senhora num dos acampamentos diante dos inúmeros quartéis brasileiros, debaixo de

uma chuva torrencial. E a senhora diz que ela sabe muito bem o que são as antenas HAARP. É um projeto para medição de temperatura que os Estados Unidos desenvolveu no Alasca e que algumas teorias conspiratórias à la QAnon atribuem às antenas HAARP, capacidade de modificação do ambiente em alguns casos de controle da mente das pessoas. E você vê o vídeo e há, na expressão da senhora, um evidente prazer. Ela sabe de algo que você, Flora, ignora. As antenas HAARP.

Flora Thomson-DeVeaux: O prazer vem daí: de saber o que ninguém mais sabe.

João Cezar: Essas pessoas estão verdadeiramente convencidas de que as antenas HAARP – aliás, só uma nota de pé de página, o projeto já foi desativado pelo governo americano – mas as antenas HAARP, que não mais existem, estão mandando chuvas para o Planalto Central do Brasil para acabar com a manifestação.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente não tá falando só de uma senhora que acredita nas antenas HAARP. São grupos inteiros de pessoas acreditando em coisas sem nenhum lastro na realidade.

E foi nesses grupos que o João Cezar conseguiu assistir ao fim do mundo. Que nem os pesquisadores infiltrados na seita da Dorothy Martin, que nem o Eduardo infiltrado na seita AEMINPU.

João Cezar:... a apuração, eu passei a apuração entre a televisão e as redes bolsonaristas.

Flora Thomson-DeVeaux: Naquela noite, e no dia seguinte, as redes tavam em polvorosa.

João Cezar: Veja: dia 31 de outubro. Começou a circular nas redes bolsonaristas: precisamos bloquear as estradas por 72 horas. Era a palavra de ordem mágica, 72 horas.

Flora Thomson-DeVeaux: Por que 72 horas? Tinha toda uma justificativa estapafúrdia por trás: que depois desse tempo as Forças Armadas iam ser obrigadas a intervir, mas isso nem vem tanto ao caso. 72 horas. Três dias. Pensa: o tempo que Jesus levou para ressuscitar. O tempo que o Gamonal, lá no Peru, disse que ia levar pra voltar à vida. 72 horas.

João Cezar: Agora, no dia 4 de novembro, um problema, Flora: as 72 horas se passaram e agora? Racionaliza-se e se posterga a profecia.

Flora Thomson-DeVeaux: Um novo prazo, mais 72 horas, mais uma justificativa. Chega o dia 8 de novembro.

João Cezar: A profecia falhou mais uma vez.

Flora Thomson-DeVeaux: Pela tipologia do caso de Chicago, a gente ainda tá no final de dezembro de 1954. O dilúvio não veio. O disco voador não veio. Mas talvez venham mês que vem. E o disco voador bolsonarista tem sempre novas datas.

João Cezar: Há duas novas datas: 12 de dezembro. Impedir a diplomação...

Flora Thomson-DeVeaux: Impedir a diplomação formal do Lula e do Alckmin como presidente e vice eleitos, no dia 12 de dezembro – que seria uma data equivalente ao 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, quando aconteceu a invasão do Capitólio, com viking e tudo. E, ok, você já sabe que, apesar do estardalhaço, a diplomação aconteceu. Mas eu conversei com o João Cezar antes disso.

João Cezar: Agora, o que acontecerá se o 12 de Dezembro falhar? Se mais uma vez a profecia fracassar? Já há uma nova data, Flora, e é o 1 de Janeiro. E já há uma consigna nas redes no subterrâneo bolsonarista. "a gente acampa, e o Lula não sobe a rampa".

Flora Thomson-DeVeaux: Essa profecia também não se concretizou. E agora? Até onde a seita vai resistir? Até quando? A Irmandade dos Sete Raios, a seita estudada pelo Festinger e pelos colegas dele lá perto de Chicago, teve vida curta.

João Cezar: A seita milenarista de Chicago em 1954, ela acabou completamente. Pouco a pouco, as pessoas foram abandonando, e terminou. Não houve nenhum desdobramento importante.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas não dá pra saber onde a nossa história, a do Brasil, vai parar. Em parte porque, segundo o João Cezar, a gente não tá mais jogando no mesmo tabuleiro que em 1954.

João Cezar: O que é inédito hoje é que existe uma produção deliberada de dissonância cognitiva coletiva que vira de cabeça para baixo a teoria do Festinger.

Flora Thomson-DeVeaux: Dissonância cognitiva coletiva. Esse é o conceito que o João Cezar desenvolveu, olhando tudo isso se desenrolar. O que não tinha no quintal da Dorothy Martin em 1954 eram as redes sociais. O que não tinha era a midiosfera extremista, a usina de teorias da conspiração que já encheram o celular da sua prima com vídeos sobre a ideologia de gênero. E não tinha gente financiando essa produção de conteúdo toda. E isso tudo muda o jogo. Captura cada vez mais gente.

João Cezar: Quando nós dizemos assim: "são todos loucos", é um equívoco da nossa parte. Eles não são loucos, eles estão, eles são reféns da midiosfera extremista.

Flora Thomson-DeVeaux: Por mais aterrorizadora que a teoria do João Cezar seja, tem algumas brechas pra gente não se desesperar completamente. Pra começar, quem é que tá nessa massa?

João Cezar: Milhares de pessoas diante de quartéis pedindo ditadura militar. Mas não o fazem porque sejam pessoas intrinsecamente más, organicamente fascistas. É uma falta de compreensão do fenômeno.

Flora Thomson-DeVeaux: Não são loucos. São reféns. Reféns de um sistema que dá pra regular, dá pra intervir. Mas não é simples. Alexandre de Moraes que o diga. Por um lado, tem a intervenção. Mas antes disso, a própria compreensão do fenômeno já ajuda.

João Cezar: isto é, no momento mesmo que todos estamos à beira do abismo, a um passo de nele nos precipitarmos, que é o apocalipse na acepção usual. Se todos nós dermos um passo para trás coletivo e compreendermos o que nos levou à beira do abismo, o efeito é

contrário. É a revelação. Messias Bolsonaro foi o nosso verdadeiro apocalipse. Com ele, nós chegamos literalmente à beira do abismo. Literalmente, chegamos à beira do abismo. A Frente Ampla, o apoio das últimas duas semanas à candidatura do Lula e do Geraldo Alckmin, representou o passo atrás coletivo, quando Fernando Henrique Cardoso, Pécio Arida, Edmar Bacha, a Simone Tebet, Marina Silva, quando todos se uniram em torno a uma candidatura democrática, com diferenças, mas democrática. Foi o passo atrás coletivo. E ainda assim foi tudo por um triz.

O dia depois do fim do mundo... é hoje.

Branca Vianna: Essa foi a nossa diretora de pesquisa da Novelo, a Flora Thomson-DeVeaux. A Natália Silva também colaborou com a reportagem.

De 72 horas em 72 horas, a gente chegou em 2023. E muito embora o Rádio Novelo Apresenta não seja um programa diário de notícias quentes, a gente sofre muito de FOMO. Cê sabe o que que é isso? É uma sigla pra Fear of Missing Out... medo de ficar fora de um acontecimento. E a posse do Lula, claro, era um acontecimento e tanto.

O nosso time não resistiu e foi até Brasília ver de perto esse momento – que muitas vezes pareceu que nunca ia chegar. Mas chegou.

O que você vai ouvir agora é um relato à quente da posse presidencial. Dessa troca de elenco no palco do poder do Brasil. Sai Bolsonaro e entra Lula, mas não só. O que a nossa equipe fez foi tentar capturar o clima de Brasília na posse – nas ruas, nos bastidores da cobertura, no meio da multidão. Pra

tentar entender o que muda e o que fica igual quando um novo presidente chega ao poder.

A Paula Scarpin, a Flora Thomson-DeVeaux e a Natália Silva embarcaram pra Brasília. Mas, como nenhuma delas tem qualquer experiência na cidade ou em cobertura política, elas apelaram pra uma ajuda de peso: a Carol Pires, colaboradora de primeira hora da Rádio Novelo. A Carol é nascida, criada e forjada na Capital Federal.

E elas foram, às vezes juntas, às vezes separadas, ouvir 72 horas em Brasília. Os últimos dois dias de 2022 e o primeiro dia de 2023. E os últimos dois dias do governo Bolsonaro e o primeiro dia do governo Lula.

Como a gente queria fazer um retrato o mais diverso possível dessas 72 horas, a gente ainda pediu reforços pro time de repórteres da revista piauí que tava por lá também.

Quem começa contando é a diretora de criação da Novelo, a Paula Scarpin.

ATO 2

Paula Scarpin: As nossas 72 horas começaram na beira da estrada, no dia 30 de dezembro. A gente tava nos arredores da cidade, a Carol no volante, quando a gente viu vários homens correndo. Eles tavam todos de branco, camiseta e bermuda, alguns descalços, outros de chinelo. Parecia primeiro de janeiro em Copacabana.

Mas ainda não era Réveillon, e a Carol me explicou que eles deviam ter acabado de sair da Papuda, o presídio ali do lado. Sair do tipo: eles tinham sido

libertados; tinham cumprido a pena deles, e tavam entrando em liberdade exatamente naquele momento.

Daí a gente obviamente pediu pra ela parar o carro... — mas não tinha acostamento, nem onde parar, porque, né, Brasília. Então a Carol deu uma encostadinha, deixou a gente sair, e ficou dando volta numa rotatória enquanto eu e a Flora corremos ali pra interceptar o grupinho.

Paula Scarpin:.... sobre a posse...

Thiago: do Lula? Top!

Paula Scarpin: Dois rapazes jovens pararam no meio da correria pra falar com a gente.

Paula Scarpin: Vocês têm que ficar vestido de branco. Parece que tá pronto pro Réveillon, já.

Thiago: Nossa Senhora, tira esse Réveillon aqui. Lá dentro não tem televisão, então nós tamo desligado do que tava acontecendo. Agora é que nós veio aí, entendeu?

Paula Scarpin: Você não sabia que o Lula tinha ganhado?

Rapaz: Sabia, mas por intermédio de outras... De visitas.

Paula Scarpin: Você ficou feliz que ele ganhou?

Thiago: Demais.

Rapaz: Claro, a cadeia todinha tremeu, porque sabe que o Lula é o Lula.

Thiago: Melhor.

Paula Scarpin: Porque?

Thiago: É o pai dos presos, de todo mundo, dos pobres.

Paula Scarpin: Eu perguntei pros dois por que que eles tinham ficado presos. Um deles não quis contar.

Paula Scarpin: Você não me conta que que você fez?

Thiago: Eu conto! Assalto, eu cometi.

Paula Scarpin: O Thiago tem 22 anos, tava estudando enfermagem, e disse que chegou a trabalhar como enfermeiro dentro da Papuda.

Paula Scarpin: Cê é daqui?

Thiago: Uhum. Só que eu tô cursando faculdade, vou pro Goiás agora.

Paula Scarpin: O Thiago e o outro rapaz – que preferiu não se identificar – disseram que não sabiam se iam pra posse, que iam direto pra casa curtir a família.

Thiago: Primeiro eu vou curtir com minha família, né? Aí se eles decidirem ir...

Paula Scarpin: Eles tavam olhando meio agoniados pros ônibus que tavam passando, doidos pra embarcar.

Paula Scarpin: Cês vão entrar nesse?

Thiago: Ô, muito obrigado. Prazer em conhecer vocês, viu?

Flora Thomson-DeVeaux: Boa sorte.

Paula Scarpin: Antes de embarcar pra Brasília, eu tava em contato com alguns militantes petistas que tinham o plano de acampar na Esplanada dos

Ministérios, então a gente seguiu pra lá. Naquela altura, a Esplanada já tava fechada pra carros, então a Carol pegou uma paralela. Até que não deu mais pra continuar.

Carol Pires: Mas que que teve ali, moço?

Guarda: Parece que ameaça de bomba. Vai até ali, dá pra vocês ver ali, ó. Os repórter tão descendo.

Paula Scarpin: Essa era a sétima ameaça de bomba na semana que antecedeu a posse. Como só uma delas tinha realmente artefatos explosivos, a gente fez pouco caso.

Carol Pires: Ameaça de bomba? Oba. Vamo lá!

Flora Thomson-DeVeaux: Dá pra chegar mais perto!

Paula Scarpin: Eu e a Flora mal conhecemos Brasília, então a gente pediu pra Carol explicar onde que a gente tava.

Carol Pires: A gente tá passando pela Rua dos Anexos, que fica atrás da Esplanada dos Ministérios, e agora a gente tá chegando no Anexo do Supremo, onde parece que teve uma ameaça de bomba. Por causa dessa ameaça, ninguém tá passando de um lado pro outro. A gente não consegue passar dessa via pra principal. No caso, pra Esplanada dos Ministérios.

Paula Scarpin: Quando a gente chegou mais perto tinha um nó de fotógrafos, repórteres, grupamentos variados de policiais... Mas as estatísticas tavam mesmo a nosso favor, e acabou não sendo nada.

Paula Scarpin: Tinha alguma coisa mesmo? É o quê, uma mochila?

Policia: É uma caixa, né? Uma caixa de papelão.

Paula Scarpin: A gente tentou seguir pra Esplanada, mas a “Operação Petardo” da caixa de papelão tinha travado tudo.

Carol Pires: O senhor sabe como a gente atravessa pra cima?

Guarda: Não, não tá passando ninguém.

Carol Pires: Não?

Guarda: Não, fechou tudo, tá tudo fechado.

Paula Scarpin: Na verdade o acampamento petista era só um dos acampamentos que tavam nos nossos planos pra essas 72 horas. Sobrou o outro.

A gente passou em frente ao acampamento montado diante do Quartel-General do Exército, onde os manifestantes bolsonaristas estavam acampados desde o resultado das eleições, pedindo intervenção militar.

Deu pra ver que ele não era pequeno, centenas de pessoas estavam alinhadas em frente à via expressa, segurando cartazes e gritando palavras de ordem pros carros que passavam.

Flora Thomson-DeVeaux: É, e por causa disso a gente só conseguiu estacionar meio longe.

Carol Pires: Acho que tenho uma bandeira do Brasil no portamalas. Paula: Tá de sacanagem.

Flora Thomson-DeVeaux: O quê?

Paula Scarpin: Carol tem uma bandeira do Brasil no porta-malas. Por que, por causa da Copa?

Carol Pires: Não, da última vez que eu cobri um protesto.

Paula Scarpin: Cê levou?

Carol Pires: Eu trouxe do protesto. Vamo ver se tá aí.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu tava achando meio esquisita a ideia de ir entrevistar as pessoas enrolada numa bandeira do Brasil. Até porque vários dos cartazes ali tavam pedindo a atenção da imprensa pra mobilização. Mas eu tava em minoria ali.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas não precisa, né, gente?

Paula Scarpin: É bom, né, é uma proteção.

Carol Pires: Eu tenho um disfarce maravilhoso que é um bonequinho do General Heleno de... inflável.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso também tá no porta-malas?

Carol Pires: Chinelo do Rodrigo... Deixa eu ver se não tá no porta-luva.

Paula Scarpin: De qualquer forma, a Carol não achou nem a bandeira do Brasil, nem o General Heleno inflável. Mas a gente foi lá assim mesmo.

Repentista: Ó véi Lula, procura sua rua, se acabou-se também seus fake news.

Paula Scarpin: A primeira coisa que a gente viu foi um repentista que tava sentado embaixo de uma tenda, cantando prum punhado de gente.

Repentista: Alexandre de Moraes, essa é a minha opinião/ Bote Deus na sua mente, uma caneta na mão/ Não adianta ser

ministro pra defender um ladrão / Alexandre, meu irmão, pois
pense na natureza / Pois defenda Bolsonaro, que botou o pau
na mesa

Flora Thomson-DeVeaux: Eu tenho que dizer que quando ele falou “natureza”,
pensei “lá vem 'beleza””. “Pau na mesa” realmente me pegou na curva.

Flora Thomson-DeVeaux: Como que é o nome do senhor?

Repentista: Geraldo Queiroga, pai de 15 filhos. Obrigada pela
atenção! Que Deus ilumine!

Flora Thomson-DeVeaux: A gente saiu andando da tenda e foi passando pelo
acampamento, que era bem maior do que dava pra ver da avenida. Tinha uma
tenda médica, uma tenda-igreja, todo um marzinho de barracas.

A gente ainda tava tomando pé quando eu ouvi duas mulheres vindo atrás da
gente. O que me chamou a atenção foi a frase: “Tem que ser petista, petista é
tudo feia”. Daí, numa reação, eu virei o microfone pro lado delas.

Mulher 1: Ó, vocês pra lá. Pessoal do bem daqui, não se mistura
com esse pessoal não. Tá gravando ali, tá gravando, a petista tá
gravando.

Mulher 2: Ela é petista- aaah!

Mulher 1: Petista! Feia pra caralho! Sai daí, bota pra correr. Pe-
tis-ta! Jornalista petista!! Patriotas! Patriotas! Vamo botar pra
correr! Vamos botar pra correr!

Flora Thomson-DeVeaux: Jornalista petista, segundo ela, só podia ser da
Globo. A Carol comentou depois que nenhuma de nós tentou negar que era
petista, por mais que não fosse necessariamente o caso. Mas, como a

conversa tinha começado em termos estéticos, a defesa da Paulinha também seguiu nessa toada.

Paula Scarpin: A gente... cê acha que eu tenho cara de Rede Globo? A gente não trabalha na Rede Globo.

Mulher 1: Será que não?

Paula Scarpin: Já viu repórter da Globo vestida desse jeito?

Flora Thomson-DeVeaux: Cê já sabe que a gente tava sem bandeira do Brasil. Eu vou só dizer de antemão que ninguém tava de camisa florida ou calça xadrez, e nem de vermelho. Cê já vai entender por quê.

Flora Thomson-DeVeaux: Como é que é o uniforme de petista?

Mulher 2: Vermelho comunista.

Mulher 1: Com a blusa estampadinha.

Mulher 2: A cor da bandeira do comunismo.

Mulher 1: a bermuda é xadrezinha e um tênisinho.

Mulher 2: Com aquele martelo e a foice da morte.

Mulher 1: Porque eles não têm coragem de assumir que eles são petista. E nós temos orgulho do nosso Brasil. Bolsonaro. Meu presidente é Bolsonaro. Sabe o quê, gente, eles vieram para a posse do Lula. Têm noção disso? Falei: posse do Lula? Mas eu estou vendo aqui o convite aqui é Bolsonaro, o segundo mandato. Bolsonaro. Como é que vai ser posse do Lula?

Paula Scarpin: Naquela manhã mesmo o Bolsonaro tinha voado pra Orlando... Mas a gente não tava em posição de contrariar. Eu lembrei do João Cezar dizendo: "Não sou loucos. São reféns".

Mulher 2: Com aquelas urnas.

Flora Thomson-DeVeaux: E vocês vieram quando para a posse do Bolsonaro?

Mulher 1: Eu tô aqui desde o dia 7 de dezembro...

Flora Thomson-DeVeaux: Logo em seguida, a Paulinha percebeu que outra mulher tava filmando a gente. O clima não tava legal, e a gente resolveu ir rumando pra calçada, pra saída. Mas, no meio do caminho, tinha um homem com uma bandeira do Brasil amarrada no pescoço, que nem uma capa... e uma calopsita no ombro.

Flora Thomson-DeVeaux: Ó meu Deus. Qual que é o nome dele?

Emerson: Miguel.

Flora Thomson-DeVeaux: Miguel?

Carol Pires: Ele não foge?

Emerson: Não.

Carol Pires: Ele sabe voar?

Emerson: Não.

Flora Thomson-DeVeaux: Como é seu nome?

Emerson: Emerson.

Flora Thomson-DeVeaux: Emerson e Miguel.

Carol Pires: Cê é de onde?

Emerson: Araraquara. Interior, 800 quilômetros.

Flora Thomson-DeVeaux: Veio como?

Emerson: De carro.

Flora Thomson-DeVeaux: E tá aqui desde quando?

Emerson: Desde ontem. E só vou embora segunda.

Flora Thomson-DeVeaux: E aí, como está aqui?

Emerson: Estamos esperando para ver que acontece.

Paula Scarpin: Mas você vai pra lá, pra Praça dos Três Poderes?

Emerson: Então, vamos ver que o povo vai resolver. A gente vai fazer na organização que eles fizeram.

Flora Thomson-DeVeaux: Ele não fica nervoso nas manifestações, com o povo... **Emerson:** Não, já acostumei, já.

Paula Scarpin: A conversa tinha engatado com o Emerson, e a gente esqueceu das mulheres que não estavam felizes com a nossa presença ali.

Mulheres: Não tá, não, é petista! Não [??], é petista!

Flora Thomson-DeVeaux: A gente...

Mulher 1: Vocês são petista sim! A gente já viu, já peguei aqui, já vi onde você trabalha.

Mulher 2: Vai embora daqui!

Mulher 1: Vá embora daqui. Vou começar -- quer confusão -- vai querer apanhar? Vocês querem confusão! Pode trazer, Lelê! Leandro! Pode trazer, pode trazer o pessoal.

Flora Thomson-DeVeaux: Então não era pra valer?

Mulher 1: Vocês querem confusão, é isso que vocês querem.

Mulher 2: São petistas! Sai, por favor. Aqui é o lugar da gente, é o Brasil. Somos brasileiro [bate no microfone]

Paula Scarpin: Ai, meu Deus.

Flora Thomson-DeVeaux: Estava tudo tão legal com Miguel.

Multidão: [Confusão]

Soldado: Calma, calma.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente tá aqui só ouvindo as pessoas.

Soldado: Hoje mais cedo teve a mesma situação.

Flora Thomson-DeVeaux: Teve?

Flora Thomson-DeVeaux: Nessa altura, apareceu um soldado que com certeza ainda não tinha nascido quando o Lula tomou posse pela primeira vez.

Carol Pires: Que que ele falou?

Flora Thomson-DeVeaux: Atravessar aqui e a gente vai por lá.

Flora Thomson-DeVeaux: O soldado parou o trânsito e a gente atravessou a avenida. Alguns ovos espocaram no asfalto. Foi a primeira vez que eu fiquei feliz com as avenidas gigantescas de Brasília. Tinha umas seis faixas entre a gente e o que era agora uma multidão enfurecida.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu nem conseguia ver o Emerson mais. Não sei se ele tava gritando também.

Pra você ver como são as coisas: no final das contas, a gente acabou pedindo uma intervenção militar.

Soldado: Onde é que tá o carro de vocês?

Carol Pires: Tá ali, ó.

Flora Thomson-DeVeaux: Na verdade, a gente pediu pros soldados escoltarem a gente até o carro, porque a coisa já tava bem assustadora.

Multidão: [GRITARIA]

Soldado: Qual a imprensa? Pra onde vocês estão filmando?

Flora Thomson-DeVeaux: Rádio Novelo. É só áudio.

Soldado: Rádionovela?

Flora Thomson-DeVeaux: Novelo.

Soldado: Novelo. [no rádio] Ela falou que é a Rádio Novelo, que é gravação só de áudio.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente andou por quase um quilômetro, com a multidão se deslocando pela outra calçada pra poder xingar a gente em movimento.

Multidão: Vai embora! Safada! Filhas da puta! Fora! Fora!

Soldado: Rede Novela? Rádio, Rádio, Novela.

Flora Thomson-DeVeaux: Novelo.

Soldado: Novelo.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso.

Soldado: Ela falou que é da Rádio Novelo. [voz na rádio]

Rádio Novelo. [voz: É Rádio Novelo?]

Multidão: Vai embora, caralho! Filhas da puta! Lixo! Lixo! Lixo! Lixo! Lixo! Lixo! [buzinas] Lixo! Vaza, petistas! [buzinas] Vai embora, rapariga! [buzinas] Vai embora! [gritos] Globolixo! Vai embora, safada!

Paula Scarpin: Brigada, viu, a gente só tava tentando fazer o nosso trabalho.

Soldado: Imagina. Tá entregue, tá?

Carol Pires: Brigada.

Flora Thomson-DeVeaux: Muito obrigada. Bom trabalho!

Paula Scarpin: Numa tentativa de reequilibrar o universo, a gente deu meia volta e foi lá de novo na Esplanada pra tentar achar os militantes petistas. Dessa vez, deu certo. Mas a verdade é que só tinha umas poucas dezenas de militantes bem espalhados, famílias tirando fotos.

De novo, quando a gente já tava saindo do acampamento, um cara vestindo uma bandeira parou a gente. Mas essa era uma bandeira do PT.

Cabelo: Olha essa bandeira e olha a data. Caramba. Sabe quando foi essa data? O Lula estava preso. Ele autografou lá dentro. Eu sou o Cabelo. O que deu a Resistência para Janja.

Paula Scarpin: Resistência é a cachorrinha que apareceu no acampamento em Curitiba, foi cuidada pelos manifestantes e depois adotada pela Janja — mulher do Lula. E, nos últimos dias, tinha sido anunciado que a Resistência ia subir a rampa com ele.

Cabelo: Até, até os cara brinca que quem tinha que subir com a Resistência era eu. Quem tem que subir com a Resistência é o Cabelo, o Cabelo.

Carol Pires: E por que esse nome, Cabelo?

Cabelo: Meu cabelo batia aqui, ó. Esse, eu pesava 120 quilos. Hoje ninguém me conhece aqui. Eu chego, os cara fala, cadê o Cabelo?

Paula Scarpin: Pelas contas do Cabelo, dos 580 dias que o Lula passou na prisão em Curitiba, ele passou 550 ali fora, no acampamento, coordenando a cozinha. Ele tinha sido presidente do PT na cidade dele, Extrema, em Minas. Mas ele renunciou ao cargo pra ficar na vigília.

Cabelo: Eu perdi meu casamento, né, 30 anos de casamento. Eu perdi, minha esposa falou: você tem que escolher. E aí assim não dava.

Paula Scarpin: Ou ela, ou o Lula.

Cabelo: Então não tem como.

Carol Pires: Cê escolheu o Lula.

Cabelo: 30 anos de casamento.

Paula Scarpin: Lá em Extrema, o Cabelo gerenciava uma espécie de abrigo improvisado pra cachorros. Então não era muito surpreendente que ele tivesse virado “pai da Resistência”.

Paula Scarpin: E por que você resolveu dar para Janja?

Cabelo: Não, ela ficou doente. Ela pegou cinomose, a Resistência pegou. Internei no veterinário, ficou internada no veterinário. E daí quando eu tirei, eu estava cuidando da cozinha e daí não dava para mim ficar com ela doente e a cozinha. E a Janja ficava direto pedindo ela. Aí eu liguei para Janja, falei: "Janja, pede para o Moura vir pegar ela aqui". Daí até hoje eu não vi mais ela. E eu sempre cobro a Janja, né?

Paula Scarpin: E aqui, aqui no acampamento aqui da posse ainda não apareceu nenhum cachorro?

Cabelo: Eu estou fugindo disso. Eu não posso nem ver. O cachorro passa, eu viro as costas, e saio, não....

Paula Scarpin: Esse primeiro dia dos três que a gente ia acompanhar em Brasília já rendeu mais do que a gente tinha esperado pra todas as 72 horas. No dia seguinte, dia 31 de dezembro, a gente ia tentar pegar mais leve. Até porque a gente ia receber reforços.

Natália Silva: Hoje é dia 31 de dezembro de 2022. São 10 e 21 da manhã e esse é o clima no Aeroporto de Brasília.

Paula Scarpin: Essa é a Natália Silva, produtora da Novelo que sucumbiu ao FOMO e voou de São Paulo pra Brasília no último dia do ano. A gente mal deixou a Nat largar as malas e já saiu pro restaurante da Tia Zélia, na Vila Planalto.

Carol Pires: A Vila Planalto fica entre o Palácio da Alvorada e o Palácio do Planalto. Ou seja: entre a residência e o local de trabalho do presidente. Ela foi uma das vilas construídas em 1957 pra abrigar os trabalhadores que vieram construir a cidade. Aí depois da inauguração, todas as outras foram destruídas e os moradores deslocados para cidades satélites mais distantes do centro - só a vila planalto resistiu - e por isso é o único bairro que não tem aquela cara de hiper-planejado.

Paula Scarpin: O dia 31 caiu num sábado, e aos sábados a tia Zélia organiza um samba do outro lado da rua do restaurante. A Carol falou maravilhas da comida – mas não era atrás de comida e de samba que a gente tava naquele dia. Não só, pelo menos.

Carol Pires: É, a comida vale a pena, viu? Tanto que a tia Zélia é a cozinheira preferida do Lula – ela já chegou a cozinhar pra ele no palácio – e também no acampamento em Curitiba, pra levarem uma quentinha pra ele comer na prisão. Mas o negócio é que o restaurante da tia Zélia é tradicionalmente um ponto de encontro petista, então a gente apostou que ia ser um lugar bacana pra gravar na véspera da posse. Só que...

Tia Zélia: Hoje nós tamo trabalhando com ceia, e não damo conta de servir ceia e servir almoço. Aqui ontem teve mais de 800 pessoas. Ontem não tinha cadeira, o povo sentava na caixa de cerveja, outro sentava no chão.

Carol Pires: Claro que não foi só a gente que teve a mesma ideia... e que também perdeu a viagem, né?

Tia Zélia: Hoje é só ceia, amiga! Vão pro Pardim, não, nega? Não, nega, não vamo atender hoje, não! Vou, minha nega, trabalhei muito ontem. Beijo, meu amor!

Carol Pires: Cê vai na posse?

Tia Zélia: Vou não, fia. Não vou porque eu estou com um probleminha de saúde. Mas estou com um probleminha de saúde, ontem eu não passei muito bem. E ela achou por bem eu não ir. Porque é muita gente. É muita gente, e o povo cai em cima de mim assim. As meninas vocês acreditam que ontem eu tirei tanto foto que eu passei mal de tanta foto, de tanta foto que eu tirei.

Carol Pires: Uma hora um cliente antigo resolveu dar com a língua nos dentes e explicar qual era a verdadeira razão por que o restaurante não ia abrir.

Homem: A Tia Zélia é muito discreta. Hoje ela vai dar um almoço, mas não pode ser aberta a todo mundo. Pro pessoal do Lula, e talvez o Lula venha. Então vocês têm que dispersar, porque o Lula vai chegar.

Tia Zélia: Mas ele não vai, entendeu? Vai ser fora, não vai ser nem aqui em casa, porque não pode.

Carol Pires: O cheiro da cozinha tava convidativo, mas já tava claro que não era pro nosso bico.

Tia Zélia: Rabada, arroz, feijão e ovo que ele gosta.

Carol Pires: A tia Zélia nem tentava disfarçar a alegria – ou o alívio, né, com a transição de poder.

Tia Zélia: o povo de Bolsonaro eles queria me matar, porque eles vinham e eu não deixava eles sentar, não deixava eles comer. Eu dizia: "Não, vocês estão no lugar errado. Pode levantar que tem outras pessoas para sentar". Então eles têm muita raiva de mim, porque é aqui também na Vila Planalto a única casa que é do PT, sou eu. É a única e a única e a única, a única. Aqui todo mundo é Bolsonaro. Agora o bicho foi embora e foi embora ontem, mas mesmo assim ele foi embora. Mas nós não sabe o que é que ele deixou para trás, né?

Paula Scarpin: Depois de sentir o cheiro da comida da Tia Zélia, não deu pra não fazer uma pausa pro almoço em outro lugar. Ainda mais porque a gente tava com a Natália no carro...

Natália Silva: E eu sou uma péssima companhia quando eu tô com fome. De barriga cheia, a gente seguiu pra uma feirinha que tava rolando na rua.

Música: Pode correr, pode correr, pode correr que em 22 vai dar PT...

Natália Silva: Brasília é uma cidade cheia de gramados. Em um deles, os apoiadores do Lula montaram um monte de barraquinhas e a coisa virou tipo uma minifesta, assim. Tinha gente tocando música... uma música na verdade. "Anunciação", do Alceu Valença, era o hit.

Tinha gente vendendo fruta e verdura... o pessoal do Movimento dos Sem Terra, várias barraquinhas de artesanato, bordado, enfim... e, claro, camiseta e bandeira pra usar na posse.

Não sei se deu pra ouvir direito, mas eu passei por uma mulher que disse "verde e amarelo eu tomei antipatia". Ela tava escolhendo uma camiseta. Os vendedores até que fizeram um esforço pra botar o verde e amarelo de volta na rodinha. Mas talvez leve um tempo até que essas cores parem de ser um sinônimo de bolsonarismo, de um país dividido.

É papel do jornalismo ouvir todos os lados de uma história... por mais difícil que isso seja. Como ouvir os bolsonaristas já tinha sido uma tarefa arriscada, a alternativa foi ouvir não todos os lados da história, mas todas as alturas.

Abaixo da linha dos adultos que escolhiam com que roupa ir ver o presidente, tinha gente que me interessava. Gente pequena, mas que tá bem de olho na gente grande.

Natália Silva: Vou te entrevistar, tá bom? Como você chama?

Vitor: Vitor.

Natália Silva: Quantos anos você tem?

Vitor: 10.

Natália Silva: Como foi a eleição pra você?

Vitor: Tensa.

Natália Silva: Tensa?

Natália Silva: Não é só o mundo dos adultos que tá rachado no meio. A mãe do Vitor, a Milena, tava de olho na entrevista. Eu perguntei se ela imaginava que o filho dela tinha achado a eleição tensa...

Milena: Sim, sim, sim... porque eles tem dimensão do que o Brasil passou nesses últimos quatro anos. De como o Brasil regrediu, de como as políticas sociais regrediram, de como... nós retrocedemos

no tempo... Eles tem essa noção, graças a deus. Eles não vão ser bolsominion.

Natália Silva: O Vitor e a Milena eram do Rio. Sem querer, eu topei com uma outra carioca. Uma carioquinha bem tímida, de 7 anos.

Natália: Posso te entrevistar?

Natália Silva: Ela olhou bem desconfiada pro meu microfone, mas topou conversar.

Natália: Oi! Como você chama?

Olga: Olga.

Natália: Quantos anos você tem?

Olga: 7.

Natália Silva: Rolou um vai e vem de respostas meio monossilábicas... entrevistar criança é difícil pra caramba.

Natália: E me conta, o que você acha do Lula?

Olga: Muito legal.

Natália: E do Bolsonaro?

Olga: Horrível!

Natália Silva: Mas se engana quem acha que criança não tem o que dizer sobre política. Eu perguntei pra Olga como eram as conversas sobre eleição com os amigos dela...

Olga: Era uma discussão interminável, porque um falava uma coisa, o outro não gostava do que falava... e aí era a turma toda dividida.

Mas a Olga disse que não perdeu nenhum amigo na eleição.

Olga: Não...

Natália Silva: Eu não sei quantos adultos podem se dar ao luxo de dizer a mesma coisa. Talvez quem não saiba falar de política somos nós.

Paula Scarpin: A gente guardou o gravador cedo no dia 31, pra poupar as energias pro dia seguinte. Mas teve quem passou a virada em frente ao hotel do Lula...

Voz feminina: Quem tá aqui, parece que vai rolar um tchauzinho da meia noite, né?

Paula Scarpin: Durante a madrugada, a Esplanada dos Ministérios foi fechada também pra pedestres. Mas quem tava dentro, acampando, podia ficar. O Cabelo gravou um vídeo lá de dentro.

Cabelo: Bom dia companheiros! 4 horas da manhã. Lula já presidente, né. Tamo aqui esperando a posse, né? Vão liberar a entrada só às 5 horas da manhã. Já tem gente aqui, ó. Nos dois lados lá, tá vendo? Esses são os primeiros a chegar para entrar lá, ver a posse. E tem bastante gente. Creio que daqui a uma hora isso aqui tá lotado, já.

Paula Scarpin: Dito e feito.

Mulher: Não conseguimos entrar para a Praça dos Três Poderes, mas é isso, estamos aqui, 300 mil pessoas ou mais...

Homem: Vamos devagarinho... vamo devagarinho. É a história, fia, vamos de pé.

Inácio Farias: Hoje, além de ver a figura do presidente Lula, hoje também eu faço aniversário também, dia 1º de janeiro. Pra mim é comemorar duas vezes, a data do nascimento e mais a data da posse do nosso presidente. Esse é o cara.

Paula Scarpin: Enquanto a gente tava no meio da galera na Esplanada, os nossos "infiltrados" nos bastidores da posse iam gravando áudios também. Aqui o Luigi Mazza, da piauí.

Luigi Mazza: Bom, nesse momento entrou uma centena de jovens marinheiros em roupas brancas, formaram um corredor, enquanto vários deles passam em direção à Câmara. Todos têm cara de adolescente com roupa do Popeye.

Paula Scarpin: E de volta pra bagunça.

Natália: Como você chama?

Gael: Gael.

Natália: Quantos anos você tem?

Gael: 10.

Natália: Gael, me conta onde a gente tá.

Gael: A gente tá na Esplanada.

Natália: A gente tá na Esplanada fazendo o que?

Gael: Comemorando que o Bolsonaro foi embora do Brasil. 00:27

Diana: Essa bandeira tava guardada desde a Copa de 2014. E aí no dia que o Lula ganhou... eu sou nordestina, então quando ele ganhou, eu fiz questão de tirar ela de dentro e ir pra rua.

Mulher: Woo-hoo! Olha a Costa Ricaaa! É isso aí, gente!

Paula Scarpin: Quem são eles?

Delci: Meu filho e meu marido.

Paula Scarpin: E o que aconteceu?

Delci: Covid... Covid os levou lá em Manaus. Eu mesma peguei a Covid cuidando deles e quase morri, né... então assim, a gente via pessoas morrendo na porta dos hospitais, não tinha oxigênio, meus irmãos ficaram mais de 24 horas na fila para conseguir recarregar o cilindro de oxigênio pra que eu não morresse. Mas é isso.

Paula Scarpin: A Carol, que conseguiu se credenciar pra cerimônia no Palácio do Planalto, aproveitou pra dar uma espiada no cenário ali no entreato.

Carol Pires: Estou andando no palácio. Tem os gabinetes, AGU, secretaria de comunicação. Queria ver se já tiraram os retratos do Bolsonaro. Eu entrei num aqui que é a Secretaria de Comunicação Institucional. É, já tiraram os retratos.

Gabriel: Moça, esse crachá aí é do Festival do Futuro?

Natália: Não, é de imprensa. Nem é daqui do festival não.

Gabriel: Ah, mas me entrevista, eu gosto de dar entrevista.

Natália: Ah é, como você chama?

Gabriel: Gabriel.

Natália: E me conta como foi a eleição pra você.

Gabriel: Foi uma coisa muito difícil, né, minha família era toda bolsominion em 2018 e hoje em dia a minha família toda virou Bolsonona, ô, virou Lula, né? E tá meu pai aqui que era, votou no Bolsonaro e hoje em dia meu pai tá com a bandeira do Lula representando...tudo isso pra mim tem um significado muito bom...

Paula Scarpin: Nessa altura, o Rolls-Royce presidencial despontou na Esplanada.

Carol Pires: Presidente empossado.

Lula: Nunca os recursos do Estado foram tão desvirtuados em proveito autoritário de poder. Nunca a máquina pública...

Outra repórter: Presidenteeee, presidente Lula!

Outro repórter: Presidente, fala com a gente!"

Multidão: Lula guerreiro do povo brasileiro.

Paula Scarpin: Esse áudio, de pertinho do Congresso foi captado pra gente pelo Breno Pires, da Piauí.

Breno: Estou aqui do lado de fora do Senado e do Congresso Federal. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o vice Geraldo Alckmin, após tomarem posse. No Congresso estão se direcionando ao Palácio do Planalto, que fica logo ali.

Paula Scarpin: Nessa altura, talvez só de ouvir essa versão instrumental da música "Amanhã", do Guilherme Arantes, já te venha na sua cabeça a emblemática entrega da faixa presidencial ao Lula, com os representantes de

várias minorias. Mas lá na hora: eu, a Flora, e a Nat, com sol na cabeça, fome e sede, a gente viu parte da multidão começar a dispersar, e fomos rumando pra outra ponta da Esplanada. A Carol ainda tava lá dentro do Palácio.

Carol Pires: Aí logo depois da posse coletiva dos ministros, eu saí fora pra conseguir uma carona pro Itamaraty, onde ia rolar o coquetel pra convidados. E de cara, eu encontrei o ministro Alexandre Moraes, do STF, que também preside o TSE, o tribunal superior eleitoral, e foi crucial no combate às fake news e aos movimentos antidemocráticos na eleição.

Carol Pires: Alexandre de Moraes tá sendo tietado, todo mundo querendo tirar foto com ele. Tá muito engraçado. Tudo bom, ministro? Já tinha passado pela sua cabeça virar um ídolo petista?

Alexandre de Moraes: Eita, nunca! [ri]

Carol Pires: Fila pra tirar foto...

Homem: Ministro, tira selfie com a gente!

Alexandre de Moraes: Agora que vou sumir de vez! Acabou a eleição, a minha parte eu fiz, né? Fazer a eleição, diplomar e tomar posse. Agora, cada um que se vire!

Paula Scarpin: Quando a gente tava saindo do Eixo Monumental, a gente viu uma faixa grande. A gente já tinha andado pela Esplanada dos Ministérios inteirinha, passando pelos 17 prédios que vão abrigar os 37 ministérios do Lula. Mas essa faixa era de outro ministério. Dizia: Ministério do Arrependimento.

Paula Scarpin: Eu nunca tinha ouvido falar do Ministério do Arrependimento.

Ana Cristina: É, o Ministério de Arrependimento e Santidade Internacional é um ministério do profeta Elias de Apocalipse, capítulo 11, versículo quatro em diante.

Flora Thomson-DeVeaux: Santidade Internacional não sei, mas eu sinto no meu íntimo que já fui Ministra do Arrependimento.

Ana Cristina: Assim como os Ninivitas ouviram a mensagem de Jonas e se arrependeram, o povo brasileiro também precisa de arrependimento de seus pecados e o presidente tem agora esta rica oportunidade de conduzir o povo para Deus. Aleluia!

Paula Scarpin: A gente ficou conversando um tempinho com a Ana Cristina, que tava segurando uma ponta da faixa.

Ana Cristina: Ana Cristina de Oliveira, pastora sênior.

Natália: E como foi aqui hoje, vocês foram bem recebidas?

Ana Cristina: Olha, eu fiquei surpresa, né, porque havia até um certo receio das pessoas acharem que nós éramos de algum partido. E eu falei, "Nós vamos apanhar". Mas estou surpresa, né. Tem muita gente boa aqui. Eu não votei. Eu não voto desde 2004, mesmo porque eu vivo uma monarquia.

Natália: Como assim?

Ana Cristina: O meu rei Jesus Cristo. Eu não tenho partido político, mas eu entendo que todo governo empossado na Terra foi Deus e ele governa.

Paula Scarpin: Em 2002 você votou em quem?

Ana Cristina: Em 2002. Eu creio que foi na Dilma Rousseff.

Paula Scarpin: Foi o Lula o candidato em 2002.

Ana Cristina: Se eu falar pra você que eu não me lembro, vocês não vai estranhar. Não, não.

Paula Scarpin: O apocalipse está próximo, o fim está próximo?

Ana Cristina: Muito próximo. Tudo, tudo em nossa volta está indicando.

Flora Thomson-DeVeaux: E segundo o profeta Elias tem data, assim, pro arrebatamento?

Ana Cristina: Olha, não tem uma data, mas conforme o Apocalipse, capítulo seis, o quarto cavaleiro já foi liberado. O quarto cavaleiro. Se vocês numa oportunidade puderem abrir as Escrituras Sagradas e abrir a Apocalipse Capítulo seis, ele diz que primeiro está em um cavalo branco, que é a mentira que hoje está dentro da igreja. Depois sai em um cavalo vermelho que é a guerra, um preto que é a fome e o amarelo, que é a morte. Esse amarelo, se nós formos analisar à luz das Escrituras Sagradas, é óbvio que esta é a revelação que deu o profeta Elias. O cavalo amarelo é o COVID. Então, nós temos pouco tempo, o dia, a hora, ninguém sabe. Mas os tempos são esses.

Paula Scarpin: Como vai ser o fim?

Ana Cristina: Olha, o fim... Na verdade, o fim é o fim.

Branca Vianna: E esse foi o fim.

Essas foram a Paula Scarpin, a Flora Thomson-DeVeaux, a Natália Silva e a Carol Pires. A gente agradece muito aos repórteres da Piauí que compartilharam parte da apuração deles com a gente: o Luigi Mazza, o Marcos Amorozo e o Breno Pires. Te convido a ler a cobertura que eles fizeram da posse no site da revista Piauí.

Também agradecemos às amigas que enviaram vídeos e áudios pra ajudar a gente a compor esse mosaico: muito obrigada, Paula Martinelli, Giovana Teodoro e Fabiana Florentino de Oliveira.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta dessa semana.

Te convido também a visitar o nosso site, radionovelo.com.br, onde você encontra material extra de tudo o que a gente produz – inclusive do Apresenta.

Entrando no site, aproveita também pra assinar nossa newsletter, pra ficar por dentro de todas as novidades e ainda receber dicas culturais quentinhas da nossa equipe.

Segue também o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts preferido, dá cinco estrelas, fala da gente por aí dentro e fora das redes pra ajudar o programa a crescer!

E, se você quiser entrar em contato com a gente – seja pra comentar um episódio, seja pra mandar uma ideia de história – é só escrever pro apresenta@radionovelo.com.br, ou marcar a gente nas redes, no [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo).

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.

Toda semana tem episódio novo, sempre às quintas-feiras.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva.

A Paula Scarpin fez o desenho de som.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos.

Neste episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo, de Victor Rodrigues Dias, de Luna França e Kiko Dinucci, compostas especialmente pro Rádio Novelo Apresenta, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos.

O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Brigada, e até semana que vem.